

Contos Universais

PARA GOSTAR DE LER 11

Contos Universais

ANTON TCHEKHOV • EDGAR ALLAN POE

FRANZ KAFKA • GUY DE MAUPASSANT

JACK LONDON • MIGUEL DE CERVANTES

VOLTAIRE



editora ática

Contos universais

Este livro apresenta os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Colaboração na redação de textos	Malu Rangel
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Bárbara Borges
ARTE	
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Criação do projeto original da coleção	Jiro Takahashi
Editoração eletrônica	Studio 3 Desenvolvimento Editorial
	Eduardo Rodrigues
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C781
9.ed

Contos universais / Anton Tchekhov [et al.] ; [tradução
Solange Lisboa et al.]. - 9.ed. - São Paulo : Ática, 2003.
136p. : il. (Para Gostar de Ler)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-08308-4

1. Conduta - Literatura infantojuvenil. 2. Ética -
Literatura infantojuvenil. 3. Antologias (Conto infantoju-
venil). I. Tchekhov, Anton Pavlovitch, 1860-1904. II. Série.

10-1114.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 08308-4 (aluno)
ISBN 978 85 08 08309-1 (professor)

Código da obra CL 730595

CAE: 219059 AL

2014

9ª edição

13ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 1997
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Histórias do mundo inteiro	7
Guy de Maupassant	
Meu tio Jules.....	11
Alexandre.....	20
Anton Tchekhov	
A mulher do farmacêutico.....	31
O bilhete premiado.....	38
Edgar Allan Poe	
O retrato oval.....	49
O coração delator.....	54
Voltaire	
O carregador caolho.....	65
Memnon ou a sensatez humana	71
Jack London	
A história de Keesh	81
A sabedoria da trilha	91
Franz Kafka	
A ponte.....	105
Um artista da fome	107
Miguel de Cervantes	
O casamento enganoso	123

Histórias do mundo inteiro

Ao longo dos tempos, muitos escritores recorreram ao conto como forma de expressar suas impressões sobre o mundo em que viviam. E assim, em diferentes lugares e em diversas épocas, foi surgindo o conjunto rico e variado de contos que hoje conhecemos.

Muitos desses textos se tornaram verdadeiras obras-primas da literatura universal e continuam encantando, ainda nos nossos dias, leitores de todas as idades e de todas as partes do mundo.

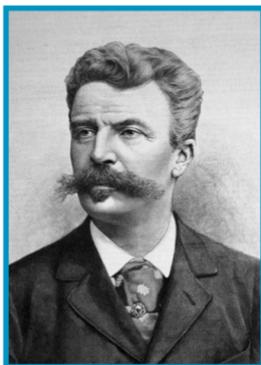
Neste livro você vai encontrar reunidos treze desses contos. Eles foram criteriosamente selecionados e traduzidos a partir dos textos originais de seus autores: Guy de Maupassant, Anton Tchekhov, Edgar Allan Poe, Voltaire, Jack London, Franz Kafka e Miguel de Cervantes.

Todas as histórias, embora distintas entre si, são igualmente fascinantes e atuais, pois falam, cada uma à sua maneira, de um tema que sempre tocará ao leitor: a própria condição humana.

Boa leitura!

Guy de Maupassant

Bettman/Corbis/Stock Photos



Meu tio Jules

Guy de Maupassant

Ao Sr. Achulle Bénouville.

Um velho pobre, de barbas brancas, pediu uma esmola. Meu amigo, Joseph Davranche, deu-lhe cem soldos. Fiquei surpreso. Ele me disse:

— Este miserável lembrou-me uma história que vou lhe contar e cuja lembrança me persegue. Ei-la.

Minha família, originária do Havre, não era rica. Remediu-se, eis tudo. Meu pai trabalhava, voltava tarde do escritório e não ganhava grande coisa. Eu tinha duas irmãs.

Minha mãe sofria muito com as dificuldades em que vivíamos, e sempre encontrava um meio de dizer palavras amargas, censuras dissimuladas e pérfidas para seu marido. O pobre homem fazia então um gesto que me dilacerava o coração. Passava a mão aberta sobre a testa para enxugar um suor que não existia, e nada respondia.

Eu sentia sua dor impotente. Economizava-se em tudo; nunca se aceitava um convite para jantar para não ter de retribuí-lo; compravam-se sempre provisões com abatimentos, os saldos das lojas. Minhas irmãs faziam seus próprios vestidos e havia longas discussões sobre o preço de um galão que valia quinze centavos o metro. Nossa alimentação frequente consistia em uma sopa gordurosa e carne de vaca com qualquer tempero. Era saudável e reconfortante, parece; eu preferiria outra coisa.

Faziam-se cenas abomináveis por causa dos botões perdidos e calças rasgadas.

Mas todo domingo íamos passear em uniforme de gala. Meu pai, de sobrecasaca, com um grande chapéu, luvas, oferecia o braço à minha mãe, embandeirada como um navio em dia de festa. Minhas irmãs, as primeiras a estarem prontas, esperavam o sinal de partida; mas, no último momento, descobria-se sempre uma mancha esquecida na sobrecasaca do chefe de família; era preciso tirá-la rapidamente com um pano molhado de benzina.

Meu pai, conservando seu grande chapéu na cabeça, esperava em mangas de camisa que a operação terminasse, enquanto minha mãe se apressava, tendo ajustado seus óculos de míope e retirado suas luvas para não as estragar.

Caminhava-se com cerimônia. Minhas irmãs na frente, de braços dados. Estavam em idade de casar, e se mostravam na cidade. Eu me mantinha à esquerda da minha mãe, meu pai à direita. Lembro-me do ar pomposo de meus pobres pais nesses passeios de domingo, a rigidez de seus traços, a severidade do andar. Avançavam com um passo grave, o corpo reto, as pernas duras, como se algo de grande importância dependesse do comportamento.

Todos os domingos, vendo os grandes navios que voltavam de países desconhecidos e distantes, meu pai pronunciava invariavelmente as mesmas palavras:

— Ah! Se Jules estivesse lá dentro, que surpresa!

Meu tio Jules, o irmão de meu pai, era a única esperança da família, após ter sido o terror. Ouvi falar dele desde minha infância, acreditava que o reconheceria no primeiro olhar, tanto sua lembrança tornou-se familiar para mim. Sabia de todos os detalhes de sua existência até o dia de sua partida para a América, ainda que se falasse apenas em voz baixa sobre esse período de sua vida.

Ao que parece, ele havia tido uma má conduta, isto é, esbanjado dinheiro, o que é enorme crime para as famílias pobres. Entre os ricos, um homem que se diverte “faz besteiras”. É o que se chama, sorrindo, um pândego. Para os neces-

sitados, um garoto que desfalca os pais passa a ser um mau sujeito, um patife.

Essa distinção é justa, ainda que o fato seja o mesmo — são as consequências que determinam a gravidade do ato.

Enfim, o tio Jules havia diminuído consideravelmente a herança com que meu pai contava; após ter, aliás, esbanjado sua parte até o último tostão.

Embarcaram-no para a América, em um navio mercante, como se fazia então, indo do Havre até Nova York.

Uma vez lá, meu tio se estabeleceu como comerciante de não sei o quê, e escreveu, em seguida, que ganhava algum dinheiro e esperava poder indenizar meu pai do prejuízo que havia causado. Essa carta causou uma profunda emoção na família. Jules, que não valia, como se diz, nem o ar que respirava, tornou-se de repente um homem honesto, um rapaz de bom coração, um verdadeiro Davranche, íntegro como todos os Davranche.

Um capitão nos informou, além disso, que ele havia alugado uma grande loja e que fazia um comércio importante.

Uma segunda carta, dois anos mais tarde, dizia: “Meu caro Philippe, escrevo para que não se preocupe com minha saúde, que está boa. Os negócios também vão bem. Parto amanhã para uma longa viagem na América do Sul. Ficarei, talvez, alguns anos sem lhe dar notícias. Se não escrever, não se aflija. Voltarei a Havre assim que fizer fortuna. Espero que seja logo e viveremos felizes juntos...”

Essa carta tornou-se o evangelho da família. Era lida em qualquer ocasião e mostrada a todo mundo.

Durante dez anos, de fato, o tio Jules não deu mais notícias; mas a esperança de meu pai aumentava à medida que o tempo corria; e minha mãe frequentemente dizia:

— Quando o bom Jules estiver aqui, nossa situação mudará. Eis aí alguém que soube fazer negócios!

E todo domingo, observando os grandes vapores negros vomitando sobre o céu serpentes de fumaça, meu pai repetia sua eterna frase: